

Violência Contra Jornalistas: Desinformação a Serviço de Quem?¹

Ana Carolina R.P TEMER²
Bernadete COELHO de Sousa³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás

Resumo

Esse artigo oferece uma contribuição às reflexões sobre o jornalismo em tempos de pandemia do Covid-19 e de ataques contra a imprensa em especial contra o telejornalismo. O ponto de partida da metodologia é a observação dos dados do levantamento divulgado pela FENAJ em maio de 2020, fazendo um relação com casos de agressões física, verbal e o mais recente, de violência psicológica referente ao grupo intitulado Guardiões do Crivella. O artigo traz conceitos de violência, e telejornalismo de autores como Traquina, Marcondes Filho Marques de Melo, Sodré e Temer. Como resultado o artigo mostra como os ataques contra credibilidade a imprensa são iniciados no próprio governo e podem contribuir para o avanço da pandemia ao mesmo tempo em que ameaçam a liberdade de expressão e a democracia.

Palavras-chave: telejornalismo; ataques; democracia; pandemia; Covid-19.

Introdução

Ao tentar definir o jornalismo Traquina (2005) diz que o jornalismo é um conjunto de estórias, estórias de vidas, de tragédias, de vitórias. São acontecimentos do dia a dia com personagens reais. Essa sempre foi a rotina dos profissionais da imprensa no Brasil, mas nos últimos meses, desde que se instalou no país a pandemia provocada pelo Covid-19 essa rotina tem sido ainda mais dura. Assim como os médicos enfermeiros e outros profissionais da área da saúde que lutam na linha de frente pela preservação da vida diante do novo coronavírus, assim também o jornalista trabalha

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.VIRTUAL de 1º a 10/12/2020.

² Professora e pesquisadora do curso de jornalismo da FIC-UFG. Pós doutora em comunicação pela UFRJ. Doutora de Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora do PPGCOM. anacarolina.temer@gmail.com

³ Jornalista, radialista Mestre em Mídia e Cidadania Doutoranda do PPGCOM UFG bernadete Coelho@gmail.com

pela divulgação de fatos reais sobre o avanço da doença, histórias de vida e morte, histórias de ignorância e medo, histórias de indignação e choro.

O vírus que surgiu pela primeira vez na cidade chinesa de Whuan se espalhou rapidamente em redor do mundo. Em 19 de maio de acordo com o site da BBC a doença rompeu a casa das mil mortes diárias no Brasil. Enquanto o vírus se alastra pelo país o governo federal tenta desqualificar a contaminação, minimizar as mortes e culpar a divulgação das informações pela imprensa pelos casos da doença. É nesse contexto que tomamos como exemplo o levantamento divulgado pela FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas, no mês de maio, mais precisamente dia 03, dia mundial da liberdade de imprensa. Antes de discorrer sobre o assunto é preciso entender melhor em que contexto social e político se desenvolveu o jornalismo.

Segundo Traquina (2005) o jornalismo como conhecemos hoje tem suas raízes democráticas no século XIX, mas sua evolução e desenvolvimento estão ligados a aspectos como a democracia representativa e o capitalismo industrial. Para Marcondes Filho (2002) o jornalismo é filho legítimo da revolução francesa. Ao falar sobre o jornalismo Ciro Marcondes Filho (2002, p.9) diz que:

O jornalismo é a síntese do espírito moderno com a razão impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política, a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo do progresso. (MARCONDES FILHO, 2002, p.9)

O autor divide a história do jornalismo em quatro fases. A primeira fase da primeira metade do século XIX foi o da iluminação em vários sentidos principalmente o político ideológico. A informação funcionava como forma de dominação e manutenção da autoridade e do poder e o acesso à informação foi um fator que proporcionou a liberdade da submissão e da servidão e enfraqueceu a burguesia. Nessa época o jornalismo também se profissionalizou e surgiram as redações. O segundo jornalismo surgiu marcado pelo capitalismo e a evolução tecnológica. Já o terceiro jornalismo se destacou pelo desenvolvimento e crescimento das empresas jornalísticas, com o monopólio ameaçado pelas guerras e governos totalitários.

A quarta fase do jornalismo, a partir de 1970 é chamada por Marcondes Filho (2002) de jornalismo tecnológico. Nessa fase se acoplam dois processos: o da expansão

indústria da consciência no plano das estratégias de comunicação e persuasão dentro do noticiário e da informação e a substituição do agente humano jornalista pelos sistemas de comunicação no fornecimento e difusão de informações. (MARCONDES FILHO 2002)

Seja em qualquer uma das fases, em maior ou menos grau de intensidade, ao longo dos anos, em muitos países, o jornalismo esteve ligado à luta pela liberdade e contra a opressão do poder absoluto. O historiador George Boyce (1978 *apud* TRAQUINA, 2005) acreditava que a imprensa atuava como um elo entre a opinião pública e as instituições governamentais denunciando injustiças e assegurando a proteção contra a tirania. Segundo Traquina, (2005) a nova ideologia pregava que os jornais deviam trazer informações úteis de interesse do cidadão e não dos políticos.

Falando sobre jornalismo e democracia Marques de Melo (2008) afirma que foi McLuhan, no livro *A Galáxia de Gutemberg* quem melhor sintetizou o impacto sócio-político da imprensa tipográfica. Os três principais efeitos seriam:

- a. Individualismo - libertando os componentes da tribo e convertendo-os em cidadãos capazes de constituir comunidades autônomas.
- b. Nacionalismo - sedimentando as línguas escritas, através da literatura, e fomentando o sentimento nacional, capaz de gerar Estados independentes.
- c. Espírito de crítica - estimulando a reflexão privada, através da leitura silenciosa, capaz de produzir sentidos estereotipados que convergem para a formação da opinião pública. (MARQUES de MELO, 2008, p 90)

Marques de Melo completa dizendo que justamente por esses motivos que a imprensa atemorizou os donos do poder tanto civis quanto religiosos e iniciou uma fase de censura prévia que levaria quase três séculos. O autor diz ainda que foi “no bojo das democracias construídas pela Revolução Norte-Americana (1776) e pela Revolução Francesa (1789) que a liberdade de imprensa ganhou legitimidade política, ensejando modelos que se reproduziriam em várias partes do mundo”. Assim sendo na opinião do autor se ancora na metáfora de que imprensa e democracia andam juntas e são quase gêmeas siamesas e o jornalismo tem natureza essencialmente política. (MARQUES de MELO, 2008)

E não demorou o tempo para que os jornais se transformassem em tribunas partidárias o porta vozes de correntes políticas. Adaptando essa realidade ao telejornalismo de acordo com Porcello (2006) os governos civis e militares que

dominaram a política nas últimas quatro décadas tiveram em emissoras como a Globo e o SBT fortes aliadas para divulgação de assuntos de seus interesses e influência política. O mesmo aconteceu com o partido dos trabalhadores que nasceu no seio da classe mais pobre, mas quando ascendeu ao poder viu as relações mudarem radicalmente e estas emissoras se transformarem em veículos de divulgação das propostas de reforma política e econômica do governo. As relações com a chamada “imprensa burguesa” mudaram já nos primeiros meses do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. (PORCELLO, 2006 p 145)

Falando sobre o conceito de liberdade de imprensa apenas como modo de liberdade de expressão, Signates traz a discussão uma reflexão sobre o equívoco teórico da expressão. O autor menciona um conflito entre “tais liberdades no interior das instituições de comunicação” e relaciona liberdade de imprensa com a liberdade da empresa jornalística em definir, a partir de seus interesses a liberdade de expressão inclusive dos jornalistas. O autor posiciona o jornalismo como “uma esfera específica onde se disputa o poder simbólico nas sociedades contemporâneas.” Sendo assim concorda-se com o autor quando ele afirma que apesar de liberdade de expressão e liberdade de imprensa percorrerem caminhos teóricos diferenciados “na concepção inicial tem a mesma pretensão: proteger o direito do indivíduo da intromissão estatal”. (SIGNATES 2011 p 78 e 87). Apesar da relevância, o aprofundamento dessa discussão não se configura em objeto desse artigo.

Mesmo em situação de liberdade controlada pelas empresas, o jornalista trabalha todos os dias com a notícia e em tempos de pandemia nada mais comum do que a informação girar em torno desse assunto. O jornalista trabalha com a notícia que é matéria prima do jornalismo. Não existe, entretanto um conceito unânime sobre o que é notícia entre os estudiosos da comunicação, mas pode-se dizer que o jornalismo tem como ponto fundamental a divulgação de fatos novos, verdadeiros de grande interesse (público e do público). Essa referência a informação verdadeira de interesse público e do público também é feita por Temer (2010) ao refletir sobre o telejornalismo. A autora diz ainda que telejornalismo pode ser definido como:

“Um processo social que se articula na relação periódica e oportuna de divulgação de informações (fatos e opiniões) como uma prática social mediadora entre os fatos e o público com o objetivo de facilitar o entendimento desses fatos. Trata-se conseqüentemente da construção que ao mesmo tempo em que exige rotinas de

produção é também uma instituição social típica ou modelar das sociedades ocidentais contemporâneas.” (TEMER, 2010, p105)

Ao falar sobre a vulnerabilidade do jornalista de TV podemos considerar que é maior em relação a outros profissionais da imprensa, destacando uma observação feita por Temer (2014). A autora ressalta que o aspecto de ir ao local do fato/acontecimento, é um movimento necessário para captar as imagens e garantir que a apresentação é real. Dessa forma o jornalista de televisão está mais exposto as situações de violência, uma vez que até mesmo no local ele pode ser facilmente identificado e agredido inclusive a mando de autoridades como veremos mais a frente no caso Guardiões do Crivella ou até mesmo pela própria autoridade.

Mídia e Violência

Dentro do contexto desse artigo é importante também refletir sobre violência. Desde os primórdios das civilizações o homem vem tentando decifrar as razões que levam outros indivíduos a praticar atos de violência na sociedade. Porque o homem é agressivo? Violento? Por que desencadeia atos extremos de violência contra outro ser humano e até mesmo contra grupos inteiros e instituições?

Sendo assim o tema violência passou a despertar o interesse de estudiosos de vários setores da sociedade e virou preocupação do poder público. Como não podia deixar de ser, a comunicação também tem considerado a relação entre a violência e a mídia um assunto interessante principalmente quando o alvo é a própria imprensa.

A origem etimológica da palavra violência está ligada ao latim violentia (força, caráter bravo o violento) e ao verbo violare (transgredir profanar, tratar com violência). O núcleo vis significa força vigor potência, mas também quantidade, abundancia.(Medeiros,2001)

É do filósofo francês Yves Michaud um dos conceitos amplamente utilizados sobre violência:

“Há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danosa uma ou mais pessoas em graus variáveis seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais.” (Michaud, 1989 In Medeiros, 2011 p 10 e 11)

Para Hannah Arendt outra autora que se debruça sobre o assunto, violência está relacionada a controle e ligada diretamente ao poder político. Maffesoli diz que a violência “é uma estrutura constante do fenômeno humano.” (Medeiros, 2001)

Certo é que a violência existe desde antes do aparecimento da mídia, antes de surgirem os jornais, o rádio e a televisão, mas estranhamente nos últimos tempos as escaladas da violência principalmente nas grandes cidades, com os problemas da segurança pública, vem sendo atribuída a mídia e agora também o avanço da pandemia é imputado a veículos de comunicação. Mas até que ponto é correto afirmar que a mídia em especial a televisão é realmente culpada por noticiar a pandemia?

Para o autor Muniz Sodré para tentar compreender o assunto é preciso primeiro considerar algumas modalidades diferentes da violência e a implicação com a mídia. A violência anômica para o autor é a que pode ser mais representada em imagens impactantes. É a forma mais cruel de violência que pode ser percebida nas ruas e aumentam os índices de criminalidade. O autor cita ainda a violência representada, que pode ser manejada tanto pelo jornalismo quanto pela indústria do entretenimento.

Para Sodré existe também a violência sociocultural relacionada ao arbítrio de um poder ameaçado pela emergência histórica de outra categoria ou grupo na cena pública. Sobre isso Sodré afirma que:

“Uma de suas variantes é a violência racial presente no racismo ideológico ou nas formas sutis de discriminação do sujeito fenotipicamente diverso; outra a violência contra homossexuais, que assume feições particularmente perversas tanto sob formas físicas quanto morais nas periferias de grandes centros urbanos brasileiros, como Rio e São Paulo, mas igualmente em cidades do Primeiro Mundo. Nesta categoria pode encaixar-se até mesmo algo como a “violência simbólica”, associada pelo francês Pierre Bourdieu aos mecanismos coercitivos presentes nas instituições educacionais” (SODRÈ, 2006 os 12 e 13)

O autor cita ainda a violência sociopolítica, exercida pelos aparelhos repressivos do Estado em diversos períodos e com variantes como o etnocídios como os que aconteceram na Bósnia e na África. Existe ainda segundo o autor ,um tipo de violência decorrente do modelo social fixado pelo poder e que se pode chamar de estado de violência ou violência social. É o que percebemos em cenas como a de total desabastecimento de um posto de saúde em pequenas cidades do interior ou ainda a falta de estrutura nas escolas públicas dos estados mais pobres do País. Essa violência é

considerada burocrática, invisível e silenciosa. É interessante observar o pensamento de Sodré quando ele destaca que essas várias modalidades não são excludentes umas das outras e que podem inclusive combinar-se entre si. No contexto desse artigo pode-se combinar aqui as violências sociocultural e sociopolítica uma vez que o poder maior sente ameaçado pela ação da imprensa durante a divulgação de dados da pandemia e dessa forma coloca em ação estratégias repressivas contra a própria imprensa disfarçada, não tão sutilmente, de reações que surgem do próprio cidadão.

Observando os dados da FENAJ

De acordo com o levantamento da FENAJ, em 2019, o número de casos de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas chegou a 208, um aumento de 54,07% em relação a 2018, quando foram registradas 135 ocorrências. O levantamento revela ainda que sozinho Bolsonaro foi responsável por 114 casos de descredibilização da imprensa, por meio de ataques a veículos de comunicação e a profissionais, e outros sete casos de agressões verbais e ameaças diretas a jornalistas, totalizando 121 casos, o que corresponde a 58,17% do total. Essa descredibilização é um fator preocupante a ser considerado uma vez que através da imprensa, que grande parte da população tem acesso a informações do dia a dia. Em plena crise provocada pelo Covid-19, com o isolamento social, fechamento de escolas, lojas e outros setores da economia, a imprensa presta serviço valioso de informação ao cidadão no sentido de evitar o avanço da doença e a conscientização da tomada de medidas de proteção. A credibilidade daquilo que é noticiado tem valor simbólico importante inclusive em relação à audiência.

O monitoramento da FENAJ revela que as declarações e discursos que já eram agressivos em relação à imprensa se tornaram ainda mais intensos e ríspidos com a pandemia. O site da FENAJ diz ainda que: “Ele (Bolsonaro) tenta responsabilizar a imprensa por um “caos” ou “histeria” com relação à doença, e chegou a chamar os profissionais de “urubus”. O site da FENAJ destaca que o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, declarou que “Jornalistas e profissionais da mídia são cruciais para nos ajudar a tomar decisões informadas. À medida que o mundo luta contra a pandemia da Covid-19, essas decisões podem fazer a diferença entre a vida e a morte.”

Além da tentativa de desestabilizar a credibilidade da imprensa existe ainda um incentivo a ações violentas (verbais, físicas ou psicológicas) contra o indivíduo que exerce a profissão de jornalista. Pode-se aqui traçar uma linha que correlaciona essas ações. Na verdade essa linha mostra um agravamento das ações. Percebe-se que até março de 2020 existia certo consenso em relação às normas sanitárias para conter o avanço da contaminação pelo Covid-19, mas depois de um posicionamento em rede nacional do presidente defendendo a flexibilização das medidas, a situação em relação à imprensa saiu do controle culminando inclusive com a demissão do ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta.

Nesse artigo nos concentramos em retratar pelo menos um caso de violência física. Foi o que aconteceu em 20 de maio de 2020, quando o repórter cinematográfico Robson Panzera foi vítima de violência física. Um comerciante de 54 anos, enfurecido, investiu contra o cinegrafista no meio da rua, quebrando o equipamento, provocando uma luxação em um dos dedos da mão do profissional. Antes de agredir o repórter cinematográfico o homem identificado como Leonardo Riveli havia agredido verbalmente a equipe. Percebe-se que esse tipo de comportamento agressivo, que gera violência gratuita ganha a cada dia mais incentivo dos ativistas pro governo. Não se pode considerar esse um ato isolado e sim como parte de um conjunto de ações contrárias a liberdade de expressão.

Ainda em maio de 2020, outro caso de violência e desta vez verbal, e muito embora não tenha grande ligação com a cobertura da pandemia, tem reflexos na liberdade de expressão e desinformação. O caso aconteceu quando o próprio presidente Jair Bolsonaro mandou os jornalistas calarem a boca. O episódio aconteceu na saída do palácio da Alvorada e depois de ler a manchete do jornal *Folha de S. Paulo* sobre o novo diretor da PF do Rio de Janeiro, o presidente se descontrola e agride verbalmente o veículo de comunicação: “*Que imprensa canalha a Folha de S. Paulo*”. Bolsonaro diz ainda que “*Canalha é elogio para Folha de S. Paulo*”. Um dos repórteres pergunta então ao presidente se ele havia pedido a troca. “*Isso é uma patifaria!*”, gritou Bolsonaro. O repórter insiste na pergunta mais uma vez e aí o presidente Bolsonaro responde: “*Cala a boca! Não te perguntei nada!*” e é aplaudido pelos apoiadores. Pela terceira vez o jornalista insiste na pergunta sobre a troca e a resposta se repete: “*Cala a boca! Cala a boca!*”, insiste o presidente na ordem dada ao repórter. Bolsonaro seguiu criticando a imprensa e foi embora, sem responder diretamente às perguntas sobre a

troca na Polícia Federal do Rio. Os apoiadores aplaudiram a atitude e começaram a dirigir ofensas aos profissionais, como de costume. Em tempos de pandemia de Covid-19 o inimigo em comum não é o vírus e nem a avassaladora onda de contaminação e mortes provocadas pelo novo coronavírus, e sim a imprensa e seus questionamentos sobre fatos do cotidiano e os atos do presidente. Existe aí um episódio de violência sociopolítica na tentativa de intimidar os jornalistas com ofensas e frases que demonstram destempero. Nota-se que a agressão verbal do presidente aos jornalistas e o ataque ao jornal Folha de São Paulo são aplaudidos pelos apoiadores do Presidente sem qualquer constrangimento e muito menos uma reflexão sobre o que aquele tipo de atitude pode influenciar prejudicialmente quando se fala de liberdade de expressão e manutenção da democracia.

O terceiro caso de violência registrado nesse artigo está relacionado à violência psicológica em forma de constrangimento e ameaça. O caso veio à tona em agosto de 2020 e diz respeito ao grupo chamado “Guardiões do Crivella”. Um serviço ilegal montado na porta de unidades de saúde com o objetivo de prejudicar e até mesmo impedir reportagens que mostram reclamações de moradores ou problemas na rede pública de saúde. O caso foi denunciado pela rede Globo e noticiado amplamente no portal G1 do mesmo grupo. De acordo com a reportagem publicada no site, o grupo de funcionários é formado por comissionados que recebem salários pagos pela prefeitura, com valores que variam de R\$ 6.700,00 a R\$18.000,00. O esquema dos Guardiões do Crivella funciona baseado em grupos de Whatsapp. Os funcionários são distribuídos por unidades de saúde do município e fazem uma espécie de plantão. Para confirmar a escala eles postam selfies no grupo. Os “Guardiões” agem em duplas e gritam, ofendem e hostilizam repórteres que tentam entrevistas pacientes e ainda intimidam as pessoas (entrevistados) para que não falem mal do sistema de saúde pública. Quando conseguem atrapalhar uma reportagem comemoram também postando fotos nos grupos. A situação se torna mais grave porque nesse caso, segundo o site de notícias, a prefeitura não nega a criação dos grupos e diz que faz isso para melhor informar a população. O que se percebe nessa situação é o poder público organizando ataques contra a imprensa (na pessoa dos jornalistas) e isso financiado pelo dinheiro dos impostos pagos pelo contribuinte. Na porta de uma unidade de saúde é negado ao cidadão o direito de reclamar de uma situação tendo a imprensa como mediadora dessa reclamação

Associação criminosa e constrangimento ilegal são crimes previstos nos artigos 288 e 146 do Código Penal. A pena para constrangimento ilegal mediante grave ameaça é de três meses a um ano, ou aplicação de multa. Associação criminosa também é crime com pena prevista de 1 a 3 anos de prisão. Ainda de acordo com o site G1 uma investigação será feita pela Subprocuradoria-Geral de Justiça de Assuntos Criminais e de Direitos Humanos. Um grupo de vereadores também decidiu encaminhar uma denúncia ao Ministério Público do Rio de Janeiro. De acordo com o jornal O Globo os grupos de apoiadores também estão infiltrados em grupos de mães de alunos de uma escola municipal e de expositores de feira artesanal. Reforça-se aqui a ideia de Marques de Melo sobre a imprensa atemorizando os donos do poder que nesse caso se organizam se utilizando da própria máquina pública para espalhar violência e medo entre jornalistas e cidadãos comuns.

Considerações

É lamentável a situação em que o Brasil se encontra política, econômica e socialmente. Reverberam entre a população os atos do governo federal que promovem hostilidade, divisão e violência entre os cidadãos e ataques contra a imprensa e conseqüentemente contra o regime democrático. Para agravar ainda mais a situação, o país enfrenta uma pandemia provocada por um vírus desconhecido, agressivo e letal que assusta o mundo inteiro. Quando o momento exige a união de todos em torno do bem estar social e o combate ao coronavírus é justamente quando ocorrem atos de hostilidade e de acusações envolvendo governo e alguns veículos de comunicação.

É mais lamentável ainda quando uma parcela da população reage agressivamente contra a imprensa e os jornalistas. Em meio a esse cenário de perturbação caótica a imprensa tenta sobreviver aos ataques. Curiosamente observa-se como a mídia local (brasileira) e em especial a que de certa forma se opõe aos atos autoritários do governo, passou a ser responsabilizada pela pandemia mundial e suas conseqüências e todas as outras mazelas sociais e econômicas que afligem o país. Sem querer sair em defesa de um ou outro veículo que também tem seus interesses, é importante reconhecer que a rede Globo e a Folha de São Paulo são as que sofrem ataques mais duros. É nesse contexto onde é difícil encontrar os responsáveis, que culpar a imprensa se tornou a opção mais fácil. Sem subterfúgios circula a mensagem de que é preciso não só discordar não campo das ideias, mas também atacar fisicamente,

verbalmente e moralmente o jornalismo e toda imprensa. Os atos de violência ganham espaço dentre todas as classes sociais, do empresário ao desempregado. E esses atos ganham também ares de uma organização criminosa que se manifesta (não mais se esconde) através de grupos de redes sociais. É preocupante analisar o cenário que se desenha em volta da imprensa brasileira é atacada tanto pelos governantes quanto por uma parte da população. A desinformação proporcionada por esses fatores cria um clima de instabilidade, desconfiança e medo. Ao tentar desacreditar a imprensa de maneira afrontosa, cria-se um efeito dominó em setores menos informados e politizados da população. Felizmente os jornalistas também fazem parte do grupo que resiste ao autoritarismo, do grupo que denuncia, que segue em frente assumindo cada vez mais o compromisso com a verdade dos fatos e a manutenção do regime democrático de direito.

Referências

MARCONDES FILHO, Ciro. A saga dos cães perdidos: São Paulo, Hacker editores, 2002

MELO J. M. de. (2008). Jornalismo Político: Democracia, Cidadania, Anomia. *Revista FAMECOS*, 15(35), 90-94. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.35.4097>. Acesso em 06/10/2020

PORCELLO, Flávio A.C. TV e poder: as relações sombrias que ajudam a fazer a história recente do Brasil. In Vizeu, Ladeira *et al* (Orgs) *Telejornalismo a nova praça pública*. Florianópolis : Insular, 2006.

SILVA, Magno L. Medeiros; LIMA, Ricardo Barbosa; SANTOS, Pedro Sérgio; GOYA, Luiz (orgs) *Direitos Humanos e cotidiano*. Goiânia: Bandeirantes. 2001.

SODRÉ, Muniz. *Sociedade Mídia e Violência*. Porto Alegre: Sulina: Edipucrs, 2002

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. *Flertando com o caos*. Goiânia: FIC/UFG, 2014

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa *Mistura dos gêneros e o futuro do telejornal*. In: Vizeu, Porcello *et al* (Orgs) *60 anos de telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica*. Florianópolis: Editora Insular, 2010.

TRAQUINA Nelson. *Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Editora Insular, 2005

Brasil: o novo epicentro da pandemia do coronavirus? Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52732620> acesso em 08/06/2020

Equipe de jornalismo da TV Integração é agredida e cinegrafista ferido em Barbacena.
Disponível em <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2020/05/20/equipe-de-jornalismo-da-tv-integracao-e-agredida-e-cinegrafista-ferido-em-barbacena.ghtml>
acesso em 08/06/2020

'Guardiões do Crivella': entenda as denúncias sobre esquema para impedir reportagens sobre a saúde no Rio
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/01/guardioes-do-crivella-entenda-as-denuncias-sobre-esquema-para-impedir-reportagens-sobre-a-saude-no-rio.ghtml>. acesso em 06/10/2020

'Guardiões' também atuavam em outros eventos da agenda de Crivell.
<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/07/guardioes-de-crivella-atuam-tambem-na-educacao-e-em-feiras-artisanais.htm?cmpid=copiaecola>

Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil relatório FENAJ 2019
disponível em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/> acesso em 08/06/2020

<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-manda-reporter-calar-a-boca-e-diz-que-nao-interferiu-na-pf/> acesso em 06/10/2020

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/31/guardioes-de-crivella-funcionarios-da-prefeitura-fazem-plantao-na-porta-de-hospitais-para-atrapalhar-reportagens-sobre-a-saude-do-rio.ghtml> acesso em 06/10/2020

